



Francisco de Goya y Lucientes (1746-1828)
Carlos IV, Rei de Espanha
Maria Luísa de Parma, Rainha de Espanha
1789
Óleo sobre tela
Colección Altadis, S.A.
Archivo General de Indias, Sevilha

Inauguração
10 outubro 2013
12h00

Horário
terça-feira:
14h00 - 18h00
quarta-feira a domingo:
10h00 - 18h00

Archivo General de Indias, Sevilha
www.mcu.es/archivos/MC/AGI/
Tel: (+34) 95 450 05 28

Press release
OBRA CONVIDADA
10 outubro 2013 – 19 janeiro 2014

FRANCISCO DE GOYA Y LUCIENTES (1746-1828)

RETRATOS DE CARLOS IV, REI DE ESPANHA,
E DE MARIA LUÍSA DE PARMA, RAINHA DE ESPANHA

EXPOSIÇÃO INAUGURAL DA **MOSTRA ESPANHA 2013**

Para assinalar a visita de Carlos IV e Maria Luísa de Parma à capital andaluza, os trabalhadores da Real Fábrica de Tabacos de Sevilha encomendaram a Goya estes dois retratos dos novos monarcas. Trata-se de versões dos retratos oficiais do casal régio, executados pelo artista em 1789, logo após Carlos IV subir ao trono de Espanha (por morte de Carlos III, em 1788).

Pertencentes à Colección Altadis, S.A., em depósito no Archivo General de Indias, Sevilha, as duas pinturas inserem-se no novo programa do MNA, «Obra Convidada», que traz ao país peças de relevantes museus estrangeiros. No caso de Goya, o público português poderá admirar a mestria de um pintor que não se encontra representado em nenhum museu nacional.

Subindo ao trono nas vésperas da Revolução Francesa, época de conflitos internacionais, de divisões sociais profundas e de cesuras políticas que chegavam à família real, Carlos IV (Portici, Nápoles, 1748-1819), acabou por abdicar a favor do seu filho Fernando VII, após a Revolta de Aranjuez, em 1808. Maria Luísa de Parma (Parma, 1751-Roma 1819), sua prima, foi sua mulher aos 14 anos e assumiu, depois de rainha, um lugar central na política espanhola. D. Carlota Joaquina, mulher de D. João VI, era a filha primogénita do casal.

A 25 de abril de 1789, Goya foi nomeado Pintor de Câmara do Rei e, em 1799, conseguiu o posto de Primeiro Pintor de Câmara. A sua vida foi ainda mais longa que a do seu rei e as contradições e alterações do tempo tiveram a maior expressão na sua obra. Das iniciais pinturas religiosas, passando pelos retratos de reis e aristocratas, Goya acabou por tornar-se num «profeta da modernidade». Registou os horrores da guerra, pintou a negro bruxas, gigantes, monstros e paisagens desoladoras, sempre consciente da importância da liberdade criativa. «Darei uma prova para demonstrar com factos que não há regras na Pintura, e que a opressão, ou a obrigação servil de fazer estudar a todos por um mesmo caminho, é um grande impedimento aos jovens que professam esta arte», escreveu Goya em 1792, num célebre relatório entregue à Real Academia de Belas-Artes de São Fernando, em Madrid.

ORGANIZAÇÃO:



APOIO:

